

Rural Semanal

Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ANO XXIV - nº 01 - 6 a 12 fevereiro de 2017



UFRRJ

Febre amarela

Especialistas da Rural comentam sobre surto da doença no Brasil **P.5**

Girassóis ornamentais

Mestrando da UFRRJ pesquisa consumo de água no plantio da espécie **P.3**

Anos de chumbo

Livro lançado no IM aborda ação da ditadura militar na Baixada Fluminense **P.4**



Editorial

Nosso patrimônio artístico, cultural, científico e tecnológico

Com a previsão do retorno de suas atividades adiada mais uma vez, o próximo 13 de fevereiro está definido para a retomada do ano letivo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Assim como ela, a Universidade Estadual Darcy Ribeiro no Norte Fluminense (Uenf) e a Universidade Estadual da Zona Oeste (Uezo) estão atravessando uma fase de grandes dificuldades.

Ao manifestar-se no dia 19 de janeiro, em nota pública conjunta com os reitores de outras instituições federais do Rio (*leia nesta edição*), a atual reitoria da UFRRJ mantém sua linha na defesa intransigente das condições plenas para que o conjunto das universidades estaduais possa continuar a competente formação em nível superior que sempre realizaram. Assim, os gestores declararam em conjunto que “*defender as Universidades Estaduais do Rio de Janeiro é defender os princípios fundamentais da nossa Carta Magna [...]*”.

Para uma visão da atual crise, Roberto Santana (formado em História na própria Uerj) diagnostica que “*o governo do Estado do Rio de Janeiro, entre 2008 e 2013, deixou de arrecadar 138 bilhões de reais de grandes empresas e começou a distribuir dinheiro público entre os empresários por meio de uma terceirização desenfreada dos órgãos públicos e da contratação de serviços junto a empresas privadas sem necessidade. [...] Assim, ao invés de trabalhar com seus funcionários públicos, o governo estadual contrata serviços junto a particulares, para que assim possa repassar dinheiro público ao capital privado*”.

A fala de outro egresso da Uerj, seu atual professor e também juiz do Supremo Tribunal Federal, Luiz Roberto Barroso, caminha em sentido diametralmente oposto ao diagnóstico realizado. Ele disse que “*a universidade no Brasil deve começar a ser autossuficiente para não depender do dinheiro público*” e que “*o modelo ideal é o da universidade pública que gere seus próprios recursos, saiba atrair filantropia e tenha contribuições de ex-alunos, [...] só contando com dinheiro público para alguns projetos específicos*”.

Considerando a importância do patrimônio artístico, cultural, científico e tecnológico que as universidades estaduais do Rio representam, ficamos mesmo com o posicionamento correto da nota dos reitores ao afirmar que “*Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação são estratégicos para o crescimento, desenvolvimento e soberania de uma Nação, o que significa que os investimentos públicos nessas áreas devem ser considerados prioritários [...]*”.

(Leia a versão completa deste editorial em <https://goo.gl/rBOEQ2>)

Nota de apoio

Em defesa das universidades estaduais do Rio de Janeiro

Os Reitores das Instituições Públicas Federais de Ensino do Rio de Janeiro vêm a público externar a sua solidariedade aos dirigentes e à toda a comunidade acadêmica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj, da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Uenf e da Fundação Centro Universitário Estadual da Zona Oeste – Uezo, em face à grave crise por que essas prestigiadas instituições vêm passando. A Uerj, com seus mais de sessenta anos de história, e a Uenf, em quase 25 anos de funcionamento, têm propiciado uma contribuição relevante ao desenvolvimento da educação, com destaques nas diferentes áreas de conhecimento, o que as coloca em situação privilegiada no contexto das Universidades Públicas de nosso país. A Uezo, com uma história bem mais recente, tem oferecido à sociedade uma importante contribuição, sobretudo na área de formação tecnológica, em nível de graduação e pós-graduação, numa perspectiva de inserção regional em uma das áreas mais populosas da cidade do Rio de Janeiro.

A formação de profissionais altamente qualificados, a produção de pesquisa de ponta e a relevância de projetos de extensão realizados ao longo da história dessas Instituições encontram-se fortemente ameaçadas pela ausência de repasses financeiros por parte do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação são estratégicos para o crescimento, desenvolvimento e soberania de uma Nação, o que significa que os investimentos públicos nessas áreas devem ser considerados prioritários, inclusive por permitir que a produção do conhecimento encaminhada à resolução de problemas econômicos e sociais seja um importante contributo à busca de soluções justas, em bases sustentáveis, para os graves problemas que se apresentam em nosso país.

Defender as Universidades Estaduais do Rio de Janeiro é defender os princípios fundamentais da nossa Carta Magna; é defender a história de milhares de jovens que se graduaram nessas Instituições e hoje contribuem para o progresso da Nação; é defender a dignidade de seus profissionais – professores e servidores técnicos – que oferecem à sociedade uma atuação pautada na dedicação e na qualidade do trabalho realizado e que, como tal, fazem jus à contrapartida que compete ao governo do Estado do Rio de Janeiro, através do pagamento da integralidade de seus salários. É defender os atuais estudantes que ingressaram nessas universidades em busca de uma formação que lhes permita atuar como profissionais e cidadãos e cuja materialidade depende dos investimentos financeiros em pessoal e em infraestrutura.

Com base nessas assertivas é que nos posicionamos em solidariedade às comunidades da Uerj, Uenf e Uezo e conclamamos o governo do Estado do Rio de Janeiro a uma efetiva ação de preservação desse patrimônio incalculável por elas representado, cumprindo o seu papel de provedor, com a responsabilidade que lhe foi confiada pela população.

Estado do Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 2017.

Ana Maria Dantas Soares

Reitora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Carlos Henrique Figueiredo Alves

Diretor Geral do Centro Federal de Educação Tecnológica

Celso Suckow da Fonseca (Cefet-RJ)

Jefferson Manhães de Azevedo

Reitor do Instituto Federal Fluminense (IFF)

Luiz Pedro San Gil Jutuca

Reitor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio)

Oscar Halac

Reitor do Colégio Pedro II

Paulo Roberto de Assis Passos

Reitor do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Roberto Leher

Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Sidney Luiz de Matos Mello

Reitor da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Plantio consciente

Mestrando em Fitotecnia da UFRRJ desenvolve cultivo de girassóis ornamentais sob diferentes níveis de irrigação

Bruna Somma

Nos últimos anos, devido ao baixo nível nos reservatórios de água do Sudeste do Brasil, o uso consciente desse recurso natural tornou-se assunto recorrente na grande mídia e também no meio acadêmico. A Rural, por exemplo, possui o Grupo de Pesquisa Água e Solo em Sistemas Agrícolas (GPASSA) que, entre outros objetivos, visa encontrar maneiras para o uso eficiente e para a economia de água. Neste ano, um dos experimentos da equipe foi o plantio de girassóis ornamentais e a análise do consumo de água no decorrer do processo. O responsável pelo projeto foi Marcelo Souza de Oliveira, engenheiro agrônomo e mestrando em Fitotecnia do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia da UFRRJ.

Orientado pelos professores Daniel Fonseca de Carvalho (Departamento de Engenharia/ Instituto de Tecnologia) e Leonardo Oliveira Médici (Departamento de Ciências Fisiológicas/ Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde), o aluno optou pelo plantio de ornamentais, que como o próprio nome diz, são plantas produzidas para serem ornamentos, enfeites, e que não apresentam grão de pólen. A equipe escolheu essas plantas por constituírem um nicho da agricultura pouco estudado e, especialmente no que se refere à irrigação, não há muitos estudos técnico-científicos. Além disso, outro motivo é a alta rentabilidade dessas plantas e a possibilidade de servir como alternativa ao pequeno agricultor que, com menor área de cultivo e trabalho, pode alcançar uma boa renda.

Em um primeiro momento, o estudante começou o plantio de estática (*Limonium sinuatum Mill.*), mas também optou pelos girassóis como alternativa pelo ciclo curto e pela disponibilidade.

Processo de pesquisa

O projeto contou com o plantio de 200 girassóis, que foram avaliados quanto ao seu

crescimento em função da falta ou do excesso de água. As plantas foram divididas quanto à vazão de água (de um a quatro litros por hora).

A regulação do volume decorrente dessas vazões de água foi feita através de um acionador automático de irrigação, desenvolvido pelo professor Leonardo Médici, que se propõe a ser um sensor que interage com o solo para perceber quando a planta precisa ou não de água.

– O acionador funciona em resposta a um determinado nível de tensão de água no solo, o qual se relaciona com a umidade do mesmo. Quanto menos úmido estiver o solo/substrato, a tensão será maior e, ao atingir um determinado nível, o acionador permite a passagem de água e a irrigação é efetuada. Tudo isso acontece sem a interferência externa, conferindo-lhe o caráter de automação – explicou o professor-orientador Daniel Carvalho.

A pesquisa constatou que o girassol atingiu seu maior crescimento quando estava na lâmina que recebia vazão de três litros. Os girassóis que receberam menos água (um e dois litros) e excesso (quatro litros) apresentaram menor cresci-



Divulgação

Experimento. O agrônomo Marcelo Souza analisa o consumo de água no plantio de girassóis

mento. Ou seja, o nível ideal/ conforto seria o de três litros.

– Todos os girassóis floresceram. A ausência ou presença de água em excesso não os permitiu morrer. Mas os que tiveram o maior valor econômico foram os de três litros (uso mais consciente) – comentou o mestrando Marcelo Oliveira. – A melhor produção foi alcançada com um volume médio de 15,59 L* planta⁻¹. Ou seja, para se produzir uma única flor no melhor padrão de qualidade (hastes com mais de 90 cm) foram necessários 15,59 litros de água. Isso para as condições ambientais de Seropédica.

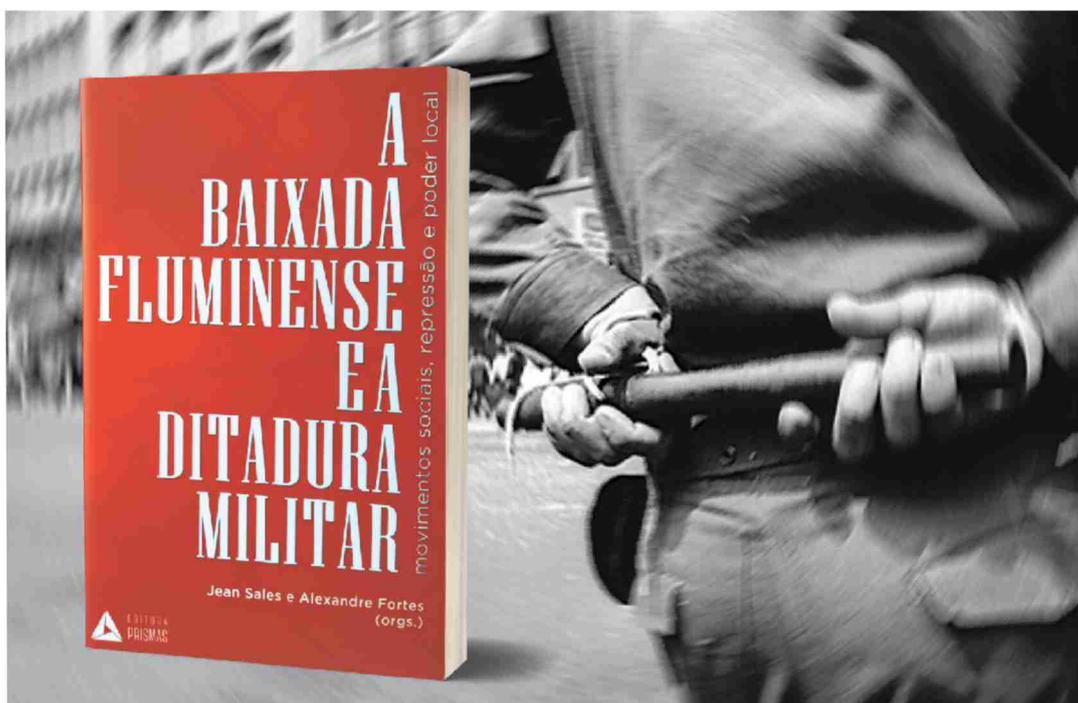
Como resultado deste projeto de pesquisa, foi produzido um artigo científico que será publicado em uma revista da área. Além disso, o tema do plantio de flores ornamentais em diversas lâminas de irrigação também será a temática da dissertação de mestrado de Marcelo. O engenheiro e ex-funcionário da UFRRJ (atualmente ele é analista de Planejamento, Gestão e Infraestrutura em Informações Geográficas e Estatísticas do IBGE) acredita que este é um projeto que irá repercutir no meio acadêmico e ajudar os agricultores regionais.

“

Nosso objetivo é produzir o conhecimento. Através disso, o extensionista conseguirá transmiti-lo.”

Marcelo Souza, Mestrado em Fitotecnia/UFRRJ

– Como tripé universitário, temos o ensino, a pesquisa e a extensão. Quando você gera um conhecimento com sua pesquisa, isso certamente vai ser transmitido em questão de estudos para os discentes de graduação. Assim, naturalmente, quando você informa isso para o graduando, acaba estendendo para o pequeno agricultor a quem ele vai prestar assistência ou consultoria. E, em outro momento, associar a outros órgãos de extensão. Nosso objetivo é produzir o conhecimento, publicá-lo e, através disso, o extensionista conseguirá adquirir o conhecimento e transmiti-lo – concluiu o pesquisador. ■



Anos de chumbo. Livro sobre ação da ditadura na Baixada foi lançado no IM.

“

A obra foi agraciada com a Menção Honrosa no XV Prêmio Baixada 2016.

Montagem: José Adriano Júnior

A ditadura na Baixada

Organizado por professores do IM, livro reúne pesquisas sobre a repressão do regime militar na região

Ricardo Portugal

Em evento ocorrido em 18 de janeiro, no auditório do Instituto Multidisciplinar (IM/UFRRJ), foi lançado o livro “A Baixada Fluminense e a ditadura militar – movimentos sociais, repressão e poder local”, da Editora Prismas. Organizado pelos professores Jean Sales e Alexandre Fortes, a obra – agraciada com a Menção Honrosa no XV Prêmio Baixada 2016, categoria Produção Acadêmica – reúne textos de diversos professores. O conteúdo é fruto de pesquisas, teses e estudos sobre os mais variados espaços geográficos que compõem o território da Baixada Fluminense, uma área historicamente marcada por um ambiente que mistura exclusão social e violência urbana e rural.

Um dos organizadores do livro, o professor Jean Sales (IM/UFRRJ) ressaltou que há diversos aspectos positivos da presente obra. Ele destacou dois: o primeiro diz respeito à própria UFRRJ em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, personificada pelo Instituto Multidisciplinar (IM). O docente considera que a criação da Rural na Baixada favoreceu a existência do próprio Centro de Documentação e Imagem (Cedim), voltado para o registro da história local. Além disso, o historiador destaca que a própria obra é uma contribuição à história

da ditadura não só na Baixada, como também em todo o Brasil.

O outro organizador foi o professor Alexandre Fortes, atual diretor do IM. Para ele, a obra foi o resultado de um trabalho natural de pesquisa e orientação que vem sendo desenvolvido há algum tempo entre os alunos do IM. Aos poucos, fontes variadas foram sendo localizadas e, graças à organização do Cedim foi possível dar maior visibilidade a essas pesquisas.

A mesa foi coordenada pelos docentes Jean Sales e Alexandre Fortes, sendo composta também pelos professores Alexander Souza Gomes, Allofs Daniel Batista, Felipe Augusto dos Santos Ribeiro e Adriana Maria Ribeiro – autores de artigos contidos no livro.

O primeiro palestrante-autor foi o professor Alexander Souza Gomes. Mestre em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ele falou sobre o tema de seu artigo intitulado “Interdependência entre religião e política no bispado de Dom Adriano Hipólito no âmbito da Ditadura Civil-Militar”. O professor Alexander conta que seu trabalho retrata em grande medida aquele período conturbado, em que a Diocese de Nova Iguaçu era alvo de ataques e retaliações, vindos da ditadura e seus órgãos de repressão.

O segundo autor a proferir palestra o professor Allofs Daniel Batista, com o tema

“Onze prefeitos em onze anos: das vitórias do MDB à hegemonia arenista - 1964/1975”. O professor destacou que enfrentou dificuldades de acesso às fontes primárias de sua pesquisa, pelo fato de não haver memória política na Baixada Fluminense. Há uma aridez muito grande para quem deseja pesquisar qualquer assunto, sobretudo a vida política local. Outra dificuldade reside no fato de se convencer as pessoas a falarem sobre o assunto.

O terceiro orador da noite foi o professor Felipe Augusto dos Santos Ribeiro, autor do trabalho “1964 em Magé: memória e ação política dos trabalhadores durante a repressão”. Um dado importante destacado em sua fala foi a passeata de trabalhadores ocorrida naquele município em 1º de abril de 1964 (dia em que o golpe foi desfechado), em apoio ao ex-presidente deposto, João Goulart.

A última apresentação da noite foi da professora Adriana Maria Ribeiro, mestre e doutoranda em História pela UFRRJ. Seu artigo foi a reprodução de uma entrevista realizada com o militante da Ala Vermelha (dissidência revolucionária do Partido Comunista do Brasil – PCdoB), João Pedro de Souza Neto, que residiu na Baixada e teve atuação destacada na militância de esquerda naquela época de resistência à ditadura militar. ■

Alerta amarelo

Especialistas da UFRRJ comentam sobre o maior surto de febre amarela no Brasil em 14 anos

Beatriz Rodriguez e Bruna Somma

O início de 2017 trouxe um alerta para a população brasileira: a possibilidade de um surto de febre amarela no país. A cada dia, a imprensa atualiza o número de casos notificados e de mortes pela doença. Mais de 80 pessoas já contraíram o vírus em todo Brasil e outras centenas de casos estão em observação. O maior número até então havia sido de 64 diagnósticos em 2003.

A febre amarela é uma doença viral e hemorrágica que pode assumir formas brandas e complexas. No início, os sintomas são febre, dores musculares e nas articulações, duram de dois a cinco dias e podem ser confundidos com viroses rotineiras. Por isso, a importância de procurar um médico. Os casos só podem ser confirmados após exame laboratorial. Uma pequena porcentagem atinge a forma mais complexa, em que o paciente apresenta pele amarelada e sangramento pelas vias nasais, nas fezes e até pela mucosa dos olhos. Essas são situações mais graves e que podem levar a óbito.

Todos os anos, casos da doença são confirmados no interior do Brasil, como por exemplo em Minas Gerais e nas regiões Centro-Oeste e Norte. Isso porque ela é transmitida por um mosquito chamado *Haemagogus leucocelaneus*, exclusivo de matas e ambientes silvestres. Esse tipo de febre recebe a classificação de silvestre. Pessoas que moram nesses locais podem conviver com o vetor por toda a vida, sem manifestar seus sintomas. Para quem viaja a esses lugares é recomendada a vacinação.

O que preocupa os especialistas e autoridades, agora, é que existem casos notificados fora desses ambientes rurais, avançando para a área urbana. Como explicar, então, esse alto número de suspeitas em cidades fora do interior?

A febre amarela também possui sua vertente urbana, quando é transmitida por um

vetor muito conhecido, o *Aedes Aegypti*, mesmo transmissor da dengue, chikungunya e zika. Viajantes para as áreas endêmicas podem contrair o vírus e quando retornam ao ambiente urbano são picados pelos *Aedes*, que ingere o sangue infectado e, ao picar outra pessoa, começa a transmissão, iniciando o ciclo urbano da febre amarela. Porém, não temos casos registrados desde 1942.

Para o professor de Doenças Infecciosas do Instituto de Veterinária (IV), Clayton Bernardinelli Gitt, além desse deslocamento de pessoas entre regiões, o grande número de casos atualmente pode ser justificado pelas alterações ambientais que vêm ocorrendo no país.

— Normalmente, o que costumamos ter no Brasil são casos de febre amarela silvestre. Porém, as alterações climáticas e desmatamentos modificam o ambiente, estressam os animais e também criam possibilidades de novos criadouros de mosquitos. Então, esses problemas ambientais facilitam para que tenhamos uma oferta de transmissores da doença maior do que antes — expõe o docente.

Fatores externos

A professora responsável pelo Departamento de Epidemiologia e Saúde Pública (IV), Sandra Thomé, apontou como uma das possíveis justificativas para o avanço da doença na região Sudeste (com casos registrados em São Paulo e Espírito Santo), o desastre ambiental que ocorreu no distrito de Mariana, em Minas Gerais,



em novembro de 2015. Esse foi considerado o pior acidente da mineração brasileira. A tragédia aconteceu depois do rompimento de uma barragem da mineradora Samarco, controlada pelas empresas Vale e a anglo-australiana BHP.

— Onde ocorreu o desastre de Mariana havia uma vegetação nativa e, nela, vetores silvestres. Quando se destrói o meio ambiente, o que sobra procura um novo lugar para viver. Nesse caso, os vetores foram para lugares que também foram afetados. A destruição aconteceu em Mariana, mas as consequências chegaram ao

“Onde ocorreu o desastre de Mariana havia uma vegetação nativa e, nela, vetores silvestres. Quando se destrói o meio ambiente, o que sobra procura um novo lugar para viver. Nesse caso, os vetores foram para lugares que também foram afetados.”

Professora Sandra Thomé (IV/UFRRJ)

mar. Com isso, podemos entender o motivo de o Espírito Santo ser o estado mais afetado com o acidente — explicou Sandra.

A grande preocupação nesse momento é saber qual o vetor responsável por esses casos de febre amarela e como controlar o número de pessoas infectadas. Ainda não foi confirmado nenhum caso de febre urbana. No entanto, o *Aedes* facilitaria um alastramento da doença nas grandes cidades, já que ele pode transmiti-la para um grande número de pessoas. Além de também poder produzir mosquitos já infectados.

Existe, também, o problema em criar campanhas de vacinação. O país não estava preparado para essa urgência e, com isso, não possuía número suficiente de vacinas disponíveis. Uma maneira de tentar ajudar a diminuir os casos da doença e controlar sua expansão é cuidar para que o mosquito não se reproduza.

Para isso, é necessário cuidar do ambiente onde vivemos e não deixar água acumulada. Guarde as garrafas sempre viradas para baixo, encha de areia ou terra os pratinhos de vasos de planta; guarde pneus ao abrigo da chuva e da água; limpe as calhas dos canos; e coloque o lixo em sacos plásticos bem fechados dentro de uma lixeira tampada.

Informes Gerais

Lançamento

O professor Luís Antônio Siqueira de Azevedo, do Departamento de Entomologia e Fitopatologia, do Instituto de Ciências Biológicas e Saúde (ICBS), lançou a segunda edição do livro “Fungicidas Protetores Fundamentos para o Uso Racional”. O conteúdo do livro de 288 páginas está distribuído em 12 capítulos que tratam dos fundamentos teóricos e práticos desse importante grupo de fungicidas. O livro é editado pela Gráfica Editora Santa Terezinha (Jaboticabal – SP), e é patrocinado pelas empresas UPL, Bayer e Rotam. O lançamento oficial será no Congresso Paulista de Fitopatologia (Campinas – SP, fevereiro de 2017) e no Congresso Brasileiro de Fitopatologia (Uberlândia – MG, agosto de 2017).

1º Simpósio Multidisciplinar das Ciências Agrárias I

O 1º Simpósio Multidisciplinar das Ciências Agrárias I será realizado nos dias 8 e 9 de março, no anfiteatro do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA), campus Seropédica da UFRRJ. O evento terá participação do coordenador de Áreas das Ciências Agrárias I, professor Luiz Carlos Federizzi. Para conferir a programação completa, acesse:

<https://goo.gl/SCXJyl>

6º Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade no ITR

Entre os dias 20 e 23 de julho, o Instituto Três Rios (ITR/UFRRJ) vai realizar o 6º Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade (Sigabi). A programação do evento conta com oficinas, minicursos, palestras e mesas redondas. Os estudantes e/ou profissionais inscritos no Simpósio ainda poderão submeter seus trabalhos e participar de um concurso de fotografia. Para mais informações, acesse o site <http://sigabi.yolasite.com/> ou a *fanpage* do Sigabi: <https://www.facebook.com/SimposioDeGestaoAmbientalEBiodiversidade/>

Nota de falecimento

É com tristeza que comunicamos o falecimento, em 26 de janeiro, do nosso querido amigo Carlos Magno de Meireles. Magno deixa a imagem de alguém muito dedicado ao trabalho e sempre solícito com aqueles que procuravam a sua ajuda. Que fique registrado o nosso reconhecimento. *Setor de Transporte da UFRRJ*

Nova cantina do IV



DGCC/Proaf

A Coordenadoria Gestão de Espaço Físico Comercial (DGCC/Proaf) comunica que, em 16 de janeiro, entrou em funcionamento a cantina do Instituto de Veterinária (IV). O estabelecimento oferece cardápio variado de refeições por quilo e lanches. O horário de funcionamento vai das 7h às 20h.

UFRRJ promove ação para reduzir uso de copos descartáveis



Consciência ambiental no trabalho é uma das metas dos atuais gestores das autarquias. Para isso, a Coordenação de Logística (Almoxarifado), ligada ao Departamento de Material e Serviços Auxiliares (DMSA/Proaf), informa que várias ações foram adotadas para sensibilizar os servidores da UFRRJ com o objetivo de produzir menos lixo, desenvolver hábitos mais sustentáveis e economizar gastos para a instituição e para o planeta. Entendemos que é tempo de maior racionalização do uso dos copos descartáveis, limitando-os apenas para os visitantes. Assim, nós servidores faremos uso de copos e canecas próprias. Adote uma caneca/copo!

Para tanto, estamos fornecendo apenas uma caixa com 2.500 unidades de copos de 200 ml para cada setor da UFRRJ. Estamos à disposição para qualquer esclarecimento.

Contato: tiagoferreira@ufrj.br

Rural Semanal

Reitora: Ana Maria Dantas Soares | **Vice-Reitor:** Eduardo Mendes Callado | **Pró-Reitor de Assuntos Administrativos:** Pedro Paulo de Oliveira Silva | **Pró-Reitora de Assuntos Financeiros:** Nidia Majerowicz | **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis:** Cesar Augusto da Ros | **Pró-Reitora de Ensino de Graduação:** Ligia Machado | **Pró-Reitora de Extensão:** Katherina Coumendouros | **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:** Roberto Carlos Costa Lelis | **Pró-Reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional:** Valdomiro Neves Lima || **COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL** | **Coordenadora de Comunicação Social:** Fernanda Barbosa | **Jornalistas:** João Henrique Oliveira e Ricardo Portugal | **Estagiários:** Beatriz Rodrigues, Bruna Somma, José Adriano Jr. e Rômulo Norback | **Imagem da capa:** José Adriano Jr. | **Projeto Gráfico:** Patrícia Perez | **Diagramação:** Alexandre de Souza Souto e Patrícia Perez | **Imagens:** Freepick e Freelmages || **Redação:** BR 465, Km 47. UFRRJ, Pavilhão Central, sala 131. Seropédica, RJ. | CEP: 23897-000 | Tel: (21) 2682-2915 | E-mail: comunicacao@ufrj.br | Portal: www.ufrj.br | Impressão: Imprensa Universitária | Tiragem desta edição: 500 exemplares

